

Editorial

A compreensão da existência humana se dá em vários sentidos, na busca pelo significado da nossa permanência e atuação nos cenários sociais e políticos no tempo datado da vida de todos, homens e mulheres. Um dos sentidos é o entendimento do passado e dos tempos em devir, sem necessariamente se impor a compreensão do presente. Entender o passado, do ponto de vista histórico, pode ou não iluminar o presente, mas, certamente, projetar o futuro surge como uma possibilidade. Isso porque todos os seres humanos legam aos seus descendentes algo do que realizaram no decorrer da efemeridade da sua existência. Se absorver o sentido do passado se torna uma incógnita, em termos de compreender o presente ou projetar o futuro, não resta dúvida que, apesar dessa interrogação epistemológica e existencial, todos somos herdeiros dos tempos passados, desde o início da existência da Humanidade.

Do ponto de vista da História da Educação, a essencialidade da compreensão do passado histórico é traduzida pela pesquisa nesse campo do conhecimento, tão crucial para a formação e atuação daqueles que se debruçam sobre a História. Quem somos nós, os educadores de hoje, qual o legado que recebemos e, existencialmente falando, o que saberão de nós aqueles que virão?

Não pretendemos adentrar no campo da Filosofia, isso já o fazem os filósofos nas suas explicações. Nossa intencionalidade se reflete no fortalecimento de posturas investigativas que não são fruto de qualquer pragmatismo, mas de conhecer nosso passado histórico, o que por si só já basta. Os historiadores da educação podem até mesmo proceder como "arautos dos velhos tempos", trazendo à tona as realizações daqueles que nos antecederam; as riquezas dos velhos arquivos, a sedução das fotos em sépia; os manuscritos em bico de pena; os livros empoeirados que nos deleitam; quem faz História e História da Educação entende esse prazer. Com isso, são honradas as vidas que se dedicaram à educação; são honrados nossos antepassados. Porém, mais do que isso, é preservado nosso patrimônio cultural. Assim procedem os autores que participam deste número, organizado pelo Programa de Pós-Graduação (mestrado e doutorado) da Universidade de Sorocaba (UNISO), São Paulo, participante do GT-HISTEDBR/Sorocaba. Os docentes do programa se congregam em torno da defesa da Educação em todas suas interfaces com o político e social. É no entorno geográfico de uma região rica e histórica, como a da Sorocabana, que o programa atende clientela diversificada e principalmente regional, não sendo demais apontar o grande impacto que produz na cultura local. E, dentre essas preocupações, emerge o profundo interesse pela História da Educação no nosso País, sem perder de vista o global.

O artigo que inicia este número, de Felicitas Acosta, "Escuela secundaria y sistemas educativos modernos: análisis histórico comparado de la dinámica de configuración y expansión em países centrales y em la Argentina", explicita o interesse em intercambiar as culturas e o conhecimento histórico na América Latina, num trabalho que propõe refletir pela metodologia comparativa sobre o papel da escola secundária nos sistemas educativos modernos, em especial sobre a escola argentina.

Tânia Conceição Iglesias apresenta significativas fontes documentais e bibliográficas que abordam a ação missionária referentes à Ordem franciscana no Brasil Colonial (1500-1822), identificando o texto como "o segundo da série de um projeto de três publicações sobre o assunto". Destacando a necessidade de compreensão da História da Educação do ponto de vista da sociologia, Marival Coan, em "Formação e desenvolvimento da nação" realiza um ensaio teórico onde são contempladas as questões fundadas no âmago da nacionalidade de cada País. Complementando paralelamente a perspectiva acima, Geysso D. Germinari, destaca a investigação científica nesse campo do conhecimento em "Educação histórica: a constituição de um campo de pesquisa", cujo objetivo principal é centrado na ideia de consciência histórica em jovens e a contribuição para o

campo educacional.

César de Alencar Arnaut de Toledo e Oriomar Skalinski Júnior voltam-se para as nossas raízes históricas ao apresentarem o artigo "Modernidade, espiritualidade e educação: a Companhia de Jesus – dos exercícios espirituais ao Ratio Studiorum", demonstrando como os Exercícios Espirituais, de Inácio de Loyola, contribuíram para a composição do Ratio Studiorum fornecendo elementos conceituais que fundamentaram sua sistematização.

Como parte integrante da pesquisa histórica, a formação docente é destacada por Maria Célia Borges, Orlando Fernández Aquino e Roberto Valdés Puentes em "Formação de Professores no Brasil: história, políticas e perspectivas". Por sua vez, Eliezer Felix de Souza e Névio de Campos, contemplam o discurso educacional de um período histórico quando analisam "O debate educativo nacional no discurso dos intelectuais do Diário dos Campos (1907-1928)", onde propõem discutir o tema da formação docente nos aspectos históricos, políticos e teóricos.

Abrindo um leque que se volta para as especificidades da História da Educação, os autores Eliete Jussara Nogueira, Leandro Petranella, Luiz Fernando Gomes e Maria Lúcia de Amorim Soares, realizam incursão a um dos documentos mais importantes da nossa historiografia educacional ao cotejá-lo com os pontos nodais representados pelos manuais didáticos e a Igreja católica perante a escola nova, com a pesquisa "Manifesto dos Pioneiros versus manual didático de literaturas estrangeiras: Igreja Católica frente à revolução escolanovista".

Na temática das mulheres, três autoras analisam a situação feminina do ponto de vista da História da Educação: Jane Soares de Almeida apresenta o artigo "Professoras virtuosas; mães educadas: retratos de mulheres nos tempos da República Brasileira (séculos XIX/XX)", no qual se reporta às expectativas sociais acerca das mulheres, em especial as professoras e o regramento da sua atuação social, na visão das mulheres e das professoras como sustentáculo da família e da Pátria. Eliane Mimesse e Luciane Palaro, na perspectiva da História Regional, relatam o resultado de suas investigações com o trabalho "As escolas femininas de instrução primária em São José dos Pinhais nos anos finais do século XIX", no Estado do Paraná, utilizando-se de significativas fontes documentais; e Vania Regina Boschetti e Valdelice Borghi Ferreira, voltam-se para o movimento pela escolarização em Sorocaba/SP nas primeiras décadas do século XX com o artigo "Imprensa operária: expressão das condições da mulher e dos movimentos sociais urbanos".

O artigo de Amália Dias, "Relações trabalhistas e a remuneração do magistério (1931-1945)" examina a remuneração dos professores no período, quando a intervenção estatal caracterizou as relações entre patrões e empregados, apontando a existência de negociações e conflitos nesse processo. Mais uma interessante contribuição é fornecida pelo autor Carlos Antonio Pereira Gonçalves Filho com o sugestivo título: "Livrinhos que eram verdadeiros tesouros: leituras para crianças no Brasil Imperial", com análise de duas obras publicadas originalmente na Europa e que ajudaram a difundir formas de comportamento para os filhos das camadas médias e altas da sociedade brasileira.

Novamente é contemplada a História Regional e sua relação com a educação em três artigos: "A presença da FFCL na imprensa rio-pretense: análise dos títulos das matérias jornalísticas", de Marcela Lopes Gomes; "O Ginásio Estadual de Pilar do Sul: um olhar sobre o uso dos espaços escolares (1959-1976)", de Adriana Aparecida Alves, José Roberto Garcia e Wilson Sandano, os autores, ao utilizarem fontes escritas, orais e iconográficas, recuperam as práticas e conceitos de formação integral pautada no civismo e na racionalidade científica de uma instituição escolar no período; e o texto "Escola Normal de Curitiba e o pioneirismo de Júlia Wanderley", de Maria Isabel Moura Nascimento e Nilvan Laurindo Sousa, ao analisar os relatórios da Instrução Pública, ressaltam também a figura da professora Júlia Wanderley, primeira normalista do Paraná.

O artigo de Daniela Cristina Lopes de Abreu, "A escolarização dos negros e suas fontes de pesquisa", propõe investigar as fontes de pesquisa para a educação

dos negros, buscando no dizer da autora, "construir uma historiografia menos estereotipada", o que não é de somenos importância.

Por fim, com um tema ainda pouco explorado pela História da Educação, Wilson Lemos Júnior nos oferece o artigo "O ensino do canto orfeônico na escola secundária brasileira (décadas de 1930 e 1940", no qual observa que a música foi considerada por Fernando de Azevedo e pelo Maestro Villa Lobos como parte integrante da educação.

Na seção RESENHAS, as autoras Lucineide Santos Silva e Ana Elizabeth Santos Alves apresentam uma resenha do livro "Town & Country in Brazil: a social-anthropological study of a small Brazilian town.

Em ESTUDOS, apresentamos os resumos das dissertações de Antonio de Pádua Almeida, Catarina André Hand, Cláudia Martins Ribeiro Rennó, Cleonice Maria Vieira, Letícia Borges de Oliveira e Vanderlei da Silva.

Finalmente, em DOCUMENTOS, Rogério Lopes Pinheiro de Carvalho, a partir dos jornais OPERÁRIO e CRUZEIRO DO SUL, de Sorocaba, apresenta alguns apontamentos metodológicos acerca da crítica das fontes na historiografia.

Todos os trabalhos selecionados têm em comum o critério de serem vinculados à História da Educação, temática destacada pelo HISTEDBR e os grupos de pesquisa a ele associados. Agradecemos aos autores que submeteram seus trabalhos, aos pareceristas e colaboradores, sobre cujo trabalho se edificou este número.

Jane Soares de Almeida

Vania Regina Boschetti

Wilson Sandano

*Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.42, p. 1-3, jun2011 - ISSN:
1676-2584*